

A Filosofia Humanitista de Quincas Borba

The Humanist Philosophy Of Quincas Borba

Eleno Marques de Araújo^{1*}, Rayanne Tavares Resende¹, Uliana Rodrigues Guimarães¹,

RESUMO

Neste ensaio foi analisada a Filosofia Humanitista de Quincas Borba na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a partir de uma comparação com *O Discurso da Metafísica* de Leibniz e *O Cândido* de Voltaire. Em outro ensaio, dedicamos ao assunto da filosofia existencialista, sobretudo, os dramas descritos por Assis, na vida de seus personagens. Aqui, optamos por tratar da Filosofia Humanitista que, segundo Borba, procede de Humanitas princípio de todas as coisas. Para construir sua teoria filosófica, Quincas Borba, mergulha no oceano, e retira dali o princípio da verdade, que segundo ele, os gregos e sub gregos não conseguiram encontrar porque mergulhavam em poços e só encontraram sapo e não a verdade. Esta só está presente no oceano, onde ele mergulhou. A metodologia foi de revisão de literatura por meio da comparação das obras supramencionadas.

Palavras-chave: Filosofia; Humanitista; Sofrimento; Melhor dos mundos.

ABSTRACT

In this essay was analyzed the Humanist Philosophy of Quincas Borba in the posthumous memoirs of Brás Cubas, from a comparison with The Discourse of Metaphysics of Leibniz and The Candide of Voltaire. In another essay, we dedicate ourselves to the subject of existentialist philosophy, especially the dramas described by Assisi, in the lives of his characters. Here, we chose to deal with the Humanitarian Philosophy which, according to Borba, proceeds from Humanitas principle of all things. To build his philosophical theory, Quincas Borba dives into the ocean, and removes from there the principle of truth, which he said the Greeks and under Greeks could not find because they dived into wells and found only frog and not truth. The methodology was literature review by comparing the above-mentioned works.

Keywords: Philosophy; Humane; Suffering; Best of all worlds.

¹ Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES
E-mail: profelenoaraujo@outlook.com

INTRODUÇÃO

A filosofia humanitista de Borba passa necessariamente por questões ligadas aos dramas existenciais que, na obra, Assis descreve usando várias dimensões da vida de seus personagens, em diferentes situações e contextos. Tal é a forma que descreve como um ex-escravo repassava a violência recebida de seu ex-senhor, a seu escravo, que comprara, após sua alforria, se pra Prudêncio, foi dramático viver a condição de escravatura, impõe-lhe ao seu escravo, as mesmas condições que suportara no passado: “Era um modo que Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, – transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria” (ASSIS, 1997, p. 132). Continua o a narrativa dizendo que “Agora que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava; comprou um escrevo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim, recebera. Vejam as sutilezas do maroto!” (ASSIS, 1997, p. 132).

Ao descrever o romance com Virgília Cubas elenca uma serie de personalidades que poderiam viver no mesmo lugar com sentimentos absolutamente distintos e embora, vivendo realidade complexas e ambíguas, mas que agradeceria aquela parte de terra:

Vê agora a neutralidade deste globo, que nos leva, através dos espaços, como uma lancha de naufragos, que vai dar à costa: dorme hoje um casal de virtudes no mesmo espaço de chão que sofreu um casal de pecados. Amanhã pode lá dormir um eclesiástico, depois um assassino, depois um ferreiro, depois um poeta, e todos abençoarão esse canto de terra, que lhes deu algumas ilusões (ASSIS, 1997, p. 133).

Por outro lado, a velha senhora Plácida que anda com sua consciência inquieta, Cubas procura tranquilizar a consciência de dona Plácida dando-lhe os cinco contos que ele tinha encontrado na praia. “Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, – como um pão para a velhice. Dona Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo (ASSIS, 1997, p. 134).

Neste momento da obra é introduzida a questão da falsa moral, pois o dinheiro deixou a velha tranquila e conivente com a situação de adultério praticado em sua casa. E ainda era capaz de rezar agradecendo todas as noites pelo seu benfeitor.

Em meio a toda essa situação de traição vem a ilusão de achar que era feliz vivendo aquela situação: “Continuei a pensar que, na verdade, era feliz. Amava-me uma mulher, tinha a confiança do marido, ia por secretário de ambos, e reconciliava-me com os meus. Que podia desejar mais, em vinte e quatro horas?” (ASSIS, 1997, p. 148).

Para completar esta reflexão o autor acrescenta: “O que é novo neste livro é a geologia moral do Lobo Neves, e provavelmente a do cavalheiro, que me está lendo” (ASSIS, 1997, p. 155). A intenção do autor é fazer o leitor questionar-se a si mesmo sobre seus próprios atos. Quase sempre as pessoas têm um discurso e uma ação diferenciada. As ações não correspondidas com o discurso criam a falsa moral, o que o autor quer que o leitor reveja em sua vida individual.

A FILOSOFIA HUMANITISTA

Depois de um longo sumiço Quincas Borba reaparece e envia uma carta com um relógio que havia roubado de Brás. “Há tempos, no passeio público, tomei-lhe de empréstimo um relógio. Tenho a satisfação de restituir-lho com esta carta. A diferença é que não é o mesmo, porém outro, não digo superior, mas igual ao primeiro.” (ASSIS, 1997, p. 161).

A restituição do relógio significa uma mudança radical na vida de Quincas, ele já colocou praticamente as bases de seu sistema filosófico, não é mais um mendigo e sua situação econômica já melhorou muito: “muitas coisas se deram depois do nosso encontro; irei contá-las pelo miúdo, se me não fechar a porta. Saiba que já não trago aquelas botas caducas, nem envergo formosa sobrecasa cujas se perdiam na noite dos tempos. Cedi o meu degrau de escada de São Francisco” (ASSIS, 1997, p. 161). Quincas propõe visitar Brás e expor-lhe o Humanitismo, o que acontece dias mais tarde.

Dito isto, peço licença para ir um dia destes expor-lhe um trabalho, fruto de longo estudo, um novo sistema de filosofia, que não só explica e descreve a origem e a consumação das coisas, como faz dar um grande passo adiante de Zenon e Sêneca, cujo estoicismo era um verdadeiro brinquedo de crianças ao pé da minha receita moral. É singularmente espantoso este meu sistema; retifica o espírito humano, suprime a dor, assegura a felicidade, e enche de imensa glória o nosso país. Chamo-lhe humanitismo, de humanistas, princípio das coisas. Minha primeira ideia revelava uma grande ênfase, era chamá-lo borbismo, de Borba, denominação vaidosa, além de rude e modesta. E com certeza exprimia menos. Verá, meu caro Brás Cubas, verá que é deveras um monumento, e se alguma coisa há que possa fazer me esquecer as amarguras da vida, e o gosto de haver enfim apanhado a verdade e a felicidade. Ei-las na minha mão. Essas duas esquinas, após tantos séculos de lutas, pesquisas, descobertas, sistemas e quedas, ei-las nas mãos do homem. Até breve, meu caro Brás Cubas. Saudades do velho amigo Joaquim Borba dos Santos (ASSIS, 1997, p. 161).

Neste desenrolar da obra, ao devolver o relógio roubado, Quincas diz que o seu sistema filosófico retifica o espírito humano, suprime a dor, assegura a felicidade e enche de glória o nosso país. Assim, humanistas é o princípio das coisas. Por isso, as tentativas de invenção do emplasto podem ser lidas como aplicação prática dessa filosofia. Brás Cubas fica intrigado ao ler o bilhete que recebera não consegue entender o que passou na vida de seu amigo de infância, conforme a passagem que vem a seguir, o narrador demonstra uma enorme confusão sentimental que passa em seu interior que ele mesmo não consegue nem entender, nem explicá-la.

Quanto a mim, se nos disser que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, acreditai-o, que é verdade; se vos disser mais que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, pois crê-lo, é a realidade pura. Mas se vos disser a comoção que tive, duvidei um pouco da asserção, e não se aceiteis sem provas. Nem então, nem ainda agora cheguei a discernir o que experimentei. Era medo, e não era medo; era dó e não era dó; era vaidade e não era vaidade; enfim, era amor sem amor, isto é, sem delírio; e tudo isso dava uma combinação assaz complexa e vaga, uma coisa que não podeis entender, como eu não entendi: suponhamos que não disse nada (ASSIS, 1997, p. 180).

Ao expor as primeiras ideias de seu sistema filosófico, Quincas Borba quer que seu amigo venha fazer parte desta nova cosmovisão, pois ela é a única que realmente bebeu a sabedoria no grande mar. Os gregos não deram conta de encontrar a verdadeira sabedoria, pois a procuravam em poços. O poço é estático, não escorre, não flui. Ele foi ao grande mar:

Venha para o Humanitismo; ele é grande regaço dos espíritos, o mar eterno em que mergulhei para arrancar de lá a verdade. Os gregos faziam-na sair de um poço. Que concepção mesquinha! Um poço! Mas é por isso mesmo que nunca atinaram com ela. Gregos, subgregos, antigregos, toda a longa série dos homens tem-se debruçado sobre o poço, para ver sair a verdade, que não está lá. Gastaram cordas e caçambas; alguns mais afoitos desceram ao fundo e trouxeram um sapo. Eu fui diretamente ao mar. Venha para o Humanitismo” (ASSIS, 1997, p. 182).

Lobo das Neves foi nomeado governador de uma Província e Virgília mudou-se com o marido. Esta mudança pôs fim ao triangulo amoroso que já durara tempos. Brás Cubas tem uma nova decaída sentimental, como que novamente entrasse em um processo deprecivo. “Nos primeiros dias meti-me em coisa, a fisgar moscas, [...] com os olhos. Fisgava-as uma a uma, no fundo de uma sala grande, estirando na rede, com um livro aberto entre as mãos. Era tudo: saudades, ambições, um pouco de tédio, e muito devaneio solto.” (ASSIS, 1997, p. 188). A melancolia leva-o a remexer no passado, busca no baú as cartas antigas e põe-se a lê-las: “se não guardas as cartas da juventude, não conhecerás um dia a filosofia das folhas velhas, não gozarás o prazer de ver-te, ao longe, na penumbra, com um chapéu de três bicos, botas de sete léguas e longas barbas assírias, a bailar ao som de uma gaita anacreônica. Guarda as tuas cartas da juventude!” (ASSIS, 1997, p. 188). O que fez Brás sair dessa situação? Foi a força encontrada em sua irmã Sabrina com uma proposta de casamento e em Quincas Borba a ideia do Humanitismo. “Minha irmã encaminhou a candidatura conjugal de Nhá Loló de um modo verdadeiramente impetuoso. Quando ao Quincas Borba, expôs-me enfim o Humanitismo, sistema filosófico destinado a todos os demais sistemas” (ASSIS, 1997, p. 189).

Quincas finalmente teve a oportunidade de expor o novo sistema filosófico ao seu amigo. “Conta três fases Humanitas: a estática, anterior a toda a criação a expansiva, começo das coisas; a dispersivas, aparecimento do homem; e contará mais uma a contrativa, absorção do homem e das coisas.” (ASSIS, 1997, p. 189). Depois dessa breve fala, Quincas Borba demonstra de modo mais profundo as grandes linhas do sistema. “Explicou-me que, por um lado, o Humanitismo ligava-se ao Bramanismo, a saber, na distribuição dos homens pelas diferentes partes do corpo de Humanistas; mas aquilo que na religião indiana tinha apenas uma estreita significação teológica e política, era no Humanitismo a grande lei do valor pessoal.” (ASSIS, 1997, p. 189). Dessa forma, acrescenta o novo filósofo: “descender do peito ou dos rins de Humanistas, isto é, ser um forte, não era o mesmo que descender dos cabelos ou da ponta do nariz. Daí a necessidade

de cultivar e temperar o músculo. Hércules não foi senão um símbolo antecipado do Humanitismo” (ASSIS, 1997, p. 192). Em meio a uma mistura de filosofia e religião ele na busca da verdade “Quincas Borbas ponderou que o paganismo poderia ter chegado à verdade, se não houvesse amesquinhado com a parte galante dos seus mitos” (ASSIS, 1997, p. 192). Ele parece estar bem seguro de sua visão filosófica e acrescenta:

Nada disso acontecerá com o Humanitismo. Nesta igreja nova não há aventuras fáceis, nem quedas, nem tristezas, nem alegrias pueris. O amor, por exemplo, é um sacerdócio, a reprodução um ritual. Como a vida é o maior benefício do universo, e não há mendigo que não prefira a miséria à morte (o que é um delicioso influxo de Humanitas), segue-se que a transmissão da vida, longe de ser uma ocasião de galanteio, é a hora suprema da missa espiritual. Porquanto, verdadeiramente há só uma desgraça: é não nascer (ASSIS, 1997, p. 192).

Quincas tenta dar uma prova da superioridade do seu sistema em relação aos outros, sobretudo em aspectos morais. Ele afirma que a inveja é um sentimento a ser contemplado: “Não há moralistas grego ou turco, cristão ou mulçumano, que não troveje contra o sentimento da inveja. O acordo é universal, desde os campos da Iduméia até o alto da Tijuca. Ora bem; abre mão dos velhos preconceitos, esquece as retóricas rafadas, e estuda a inveja, esse sentimento tão sutil e tão nobre” (ASSIS, 1997, p. 192). Depois de citar exemplos da luta de homens sobretudo pela luta de forças e poderes ele diz: “se entenderes bem, facilmente compreenderás que a inveja não é senão uma admiração que luta, e sendo a luta a grande função do gênero humano, todos os sentimentos deliciosos são adequados à sua felicidade. Daí vem que a inveja é uma virtude” (ASSIS, 1997, p. 192). Quincas Borba elimina a dor de seu sistema filosófico para ele:

A dor, segundo o Humanitismo, é uma pura ilusão. Quando a criança é ameaçada por um pau, antes mesmo de ter sido espancada, fecha os olhos e treme; essa predisposição é que constitui a base da ilusão humana, herdada e transmitida. Não basta certamente a adoção do sistema para acabar logo com a dor, mas é indispensável; o resto é natural à evolução das coisas. Uma vez que o homem se compeetre bem de que ele é o próprio Humanista, não tem mais do que remontar o pensamento à substância original para obstar qualquer sensação dolorosa. A evolução, porém, é tão profunda, que mal se lhe pode ensinar alguns milhares de anos (ASSIS, 1997, p. 192).

Todo o tratado de Quincas Borba era composto de quatro volumes manuscritos, de cem páginas cada um, as letras eram pequenas e havia muitas citações em línguas latinas, o que demonstra a sabedoria de Borba. O conteúdo dos três primeiros volumes não é informado, mas somente do último volume que era composto de um tratado político. No sistema de Quincas não são eliminados sentimentos ou situações de dor e sofrimentos da vida humana, mas ele faz uma nova interpretação dessas realidades:

Reorganizada a sociedade pelo método dele, nem por isso ficava eliminada a guerra, a insurreição, o simples murro, as facadas anônimas, a miséria, a fome, as doenças; mas sendo esses supostos flagelos verdadeiros equívocos do entendimento, porque não passariam de movimentos externos da substância interior, destinados a não influir sobre o homem, senão como simples quebra da monotonia universal, claro estava que a sua existência não impediria a felicidade humana. Mas ainda quando tais flagelos (o que era radicalmente falso) correspondessem no futuro à concepção acanhada de antigos tempos, nem por isso ficava destruído o sistema, e por dois motivos: primeiro porque, sendo Humanistas a substância criadora e absoluta, cada indivíduo deveria achar a maior delícia do mundo em sacrificar-se ao princípio de que descender; segundo porque, ainda assim, não diminuiria o poder espiritual do homem sobre a terra, inventada unicamente para seu recreio dele, como as estrelas, as brisas, as tâmaras e o ruibarbo. Pangloss dizia-me ele ao fechar o livro, não era tão tolo como o pintor Voltaire (ASSIS, 1997, p. 192).

No final da citação anterior Quincas faz uma referência a Pangloss, uma clara evidência que os ensinamentos de Leibniz a Cândido sobre o melhor dos mundos, apesar da dor e do sofrimento a que as pessoas são submetidas está em conformidade com o Humanitismo.

Diante de uma situação de peste Brás inconformado pela situação de morte e confortado por Quincas que justifica a necessidade da epidemia como em uma relação de causa e efeito: “Quincas Borba, porém, explicou-me que epidemias eram úteis à espécie, embora desastrosas para certa porção de indivíduos; fez-me notar que, por mais horrendo que fosse o espetáculo, havia uma vantagem de muito peso: a sobrevivência do maior número” (ASSIS. 1997, p. 201). A fim de reforçar o argumento e convencer Brás, Quincas chegou a perguntar: “se, no meio do luto geral, não sentia eu algum secreto encanto em ter escapado às garras da peste; mas esta pergunta era tão insensata, que ficou sem respostas” (ASSIS. 1997, p. 201). Com os questionamentos desconcertantes de Quincas, Brás afirma:

gosto de epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos (ASSIS, 1997, p. 226).

Quincas vai morar em Minas Gerais, mas, logo volta à casa de Brás em uma situação de demência: “era impossível crer que um homem tão profundo, chegasse à demência; foi o que lhe disse após o meu abraço, denunciando-lhe a suspeita do alienista. Não posso descrever a impressão que lhe fez denúncia; lembra-me, e a vida era para mim a pior das fadigas, que é fadiga sem trabalho.” (ASSIS, 1997, p. 231). Talvez Assis quer trazer esta nova realidade na vida do pretense filósofo para aproximá-lo de outros que se aventuraram em busca de respostas pelas questões existências e acabaram em situações análogas, como foi o caso de Nietzsche. Mesmo demente Quincas insistia com seu sistema de filosofia:

O Humanitismo há de ser também uma religião, a do futuro, a única verdadeira. O cristianismo é bom para as mulheres e os mendigos, e as outras religiões não valem mais do que essa: orçam todas pela mesma vulgaridade ou fraqueza. O paraíso cristão é um digno émulo do paraíso muçulmano; e quanto ao nirvana de Buda não passa de uma concepção de paralíticos. Verás o que é a religião humanística. A absorção final, a fase contrativa, é a reconstituição da substância, não o seu aniquilamento, etc. vai aonde te chamam; esqueças, porém, que és o meu califa” (ASSIS, 1997, p. 231).

A prova maior da demência de Quincas foi que ele mesmo afirmou ter queimado seu tratado filosófico a fim de reescrevê-lo numa tentativa de aperfeiçoá-lo: “A diferença é que o olhar era outro, vinha demente. Contou-me que, para o fim de aperfeiçoar o Humanitismo, queimara o manuscrito todo e ia recomeçá-lo” (ASSIS, 1997, p. 233). Não passa muito tempo e ele vem a óbito: “Morreu pouco tempo depois, em minha casa, jurando e repetindo sempre que a dor era uma ilusão, e que Pangloss não era tão tolo como supôs Voltaire” (ASSIS, 1997, p. 234). A primeira parte de Memórias Póstumas ocupou-se de narrar os acontecimentos entre a morte de Quincas Borba e a de Brás. “O principal deles foi a invenção do emplasto Brás Cubas, que morreu comigo, por causa da moléstia que apanhe” (ASSIS, 1997, p. 234). Tal invenção era grande descoberta da humanidade: “Divino emplasto, tu me darias o primeiro lugar entre os homens, acima da

ciência e da riqueza, porque eras a genuína e direta inspiração do céu. O acaso determinou o contrário; e aí vos ficais eternamente hipocondríacos” (ASSIS, 1997, p. 234).

No encerramento do livro Assis deixa claro o pessimismo de Brás Cubas frente a existência humana: “Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto” (ASSIS, 1997, p. 234). Como vantagens, ele aborda que não padeceu nem da peste que matou D. Plácida e nem da demência de Quincas Borba: “não padeci a morte de Dona Plácida, nem a semi-demência do Quincas Borba. Somadas umas coisas as outras quaisquer pessoas imaginarão que não houve minguagem nem sobra, e conseguintemente que saí quite com a vida (ASSIS, 1997, p. 234)”. Mas, acrescenta ele: “imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” (ASSIS, 1997, p. 234-235). Nesta frase final do livro certamente sobrevém à grande frustração da pessoa diante da vida. Não ter sido pai, não lhe parece negativo em si, mas o fato de não ter deixado descendente dá-lhe um sentido de recompensa, pois, não transmitiu a não ser a miséria humana. Neste ponto é preciso lembrar de como o autor inicia a obra, pois a faz dedicando-a ao verme que primeiro roeu as frias carnes de seu cadáver. Teria sido uma grande libertação da couraça humana ter passado deste ao outro lado da vida, ao qual ele chamara de mistério? A dedicação inicial representa um agradecimento ao verme primeiro que ajudou a apagar sua conturbada existência humana? São perguntas que dificilmente encontraríamos respostas pois o fato de ele encerrar a obra dessa forma só podemos levantar hipóteses, mas seria muita audácia de nossa parte fechar a questão dando uma resposta definitiva.

INTERTEXTUALIDADE DAS OBRAS ANALISADAS

Leibniz em seu *Discurso de Metafísica* afirma que este é o melhor dos mundos possíveis, uma vez que seria “agir imperfeitamente agir com menos perfeição do que se teria podido. É desdizer a obra de um arquiteto mostrar que poderia fazê-la melhor” (LEIBNIZ, 1979, p.120). Pois, este mundo é obra de Deus e, neste sentido, só pode ser o

melhor dos mundos, uma vez que “Deus é um ser absolutamente perfeito” (LEIBNIZ, 1979. p.119), não poderia ter feito nada de imperfeito, “donde se segue que Deus, possuindo suprema e infinita a sabedoria, age de forma mais perfeita [...]” (LEIBNIZ, 1979. p.119).

Frente a esse otimismo de Leibniz, Voltaire escreve *O Cândido*, onde ridiculariza a posição metafísica leibniziana mostrando toda a *desgraça ou miséria* existente no mundo. Cândido é um personagem com o mesmo nome da obra de Voltaire. Ele teria sido um aluno/discípulo de Leibniz e aprendera com seu mestre que, apesar dos pesares este é o melhor dos mundos possíveis. O autor faz a seguinte descrição de Cândido “[...] um rapazinho a quem a natureza tinha dotado dos mais brandos costumes. A fisionomia prenunciava-lhe a alma. Tinha o julgamento bastante acertado com o mais simples dos raciocínios; e por essa razão, suponho, o chamavam de Cândido [...]” (VOLTAIRE, 199, p. 25).

Cândido nasceu em um lindo castelo na Vestfália, além do Barão e a Baronesa viviam aí “Cunegundes, de dezessete anos, era muito corada, viçosa, carnuda, apetitosa. O filho do barão parecia em tudo digno do pai. O preceptor Pangloss era o oráculo da casa, e o pequeno Cândido ouvia as lições dele com toda a boa-fé da sua idade e do gênio” (VOLTAIRE, 199, p. 25). O aluno aprendia de seu mestre as disciplinas de metafísico–teólogo–cosmolonigologia. Sem dificuldades “provava de modo admirável que não há efeito sem causa e que, neste mundo que é o melhor dos mundos possíveis o castelo de sua alteza o barão era o mais belo dos castelos possíveis e a senhora baronesa a melhor das baronesas possíveis” (VOLTAIRE, 199, p. 25). Dizia Pangloss: “reparem que o nariz foi feito para sustentar óculos, por isso temos óculos” (VOLTAIRE, 199, p. 26). A temática do nariz está presente nas três obras: no Discurso de Metafísica, ela aparece como relação de causa e efeito; em Cândido simplesmente com ridicularização da obra anterior e em Memórias Póstumas de Brás Cubas, o nariz parece exercer uma função importante. Ele aponta para um centro, pois o autor dá o exemplo do faquir que de tanto olhar a ponta de seu nariz, numa atitude meditativa atinge o mistério do universo. Como que se dissesse que o nariz está geograficamente localizado entre os dois olhos e ligeiramente abaixo da testa, centro da razão, exercendo, portanto, função de baliza.

Em todas as dificuldades, desde as mais simples até as maiores, que Cândido passava sempre se lembrava de Doutor Pangloss, e com ele concordando este é o melhor

dos mundos possíveis, apesar das desgraças às quais era submetido. O drama da existência humana perpassa as três obras. Percebe-se que no *Discurso de Metafísica* o autor trabalha com a teoria da criação, neste sentido, “toda substância traz de certa maneira o caráter da sabedoria infinita e da onipotência de Deus e imita-o quanto pode [...] tudo o que acontece no universo, passado, presente ou futuro [...]” (LEIBNIZ, 1979. p.124). Dessa maneira, o ser humano deve conformar com sua existência independente dos fatos que lhe ocorram, pois “[...] é bem notório que as substâncias criadas dependem de Deus, que as conserva e até continuamente as produz por uma espécie de emanção, como produzimos os nossos pensamentos” (LEIBNIZ, 1979. p.129). Essa posição é um tanto quanto determinista, tudo é aceito como vontade de Deus.

Cândido do início ao fim é uma longa jornada de dor e sofrimento de todos os personagens, mas, sobretudo, daqueles que vivem a história: a separação de Cândido e Cunegundes; a expulsão de Cândido do mais lindo castelo de Vestfália, o suplício no exército búlgaro, a fome e a humilhação na Holanda, história de cada um contada na travessia da Europa para a América deixa o leitor em dificuldades de saber qual viveu a pior situação ou o pior limite de vida; enfim, a obra tem a finalidade de questionar Leibniz se este é o melhor dos mundos possíveis, o que será dos outros? Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Quincas Borba, ao terminar de expor o Humanitismo, seu grande postulado filosófico faz a seguinte afirmação: “Pangloss não era tão tolo como pintou Voltaire” (ASSIS, 1997, p. 192). Ele volta a enfatizá-la no penúltimo capítulo, já demente e à beira da morte, sustentando que a dor e o sofrimento é uma grande ilusão e que: “Pangloss, o caluniado Pangloss não era tão tolo como pintou Voltaire” (p. 234).

Em vários capítulos de *Memórias Póstumas* o autor deixa claro, os desencontros de Brás Cubas: o desencanto do primeiro amor; a viagem para Europa; a morte da esposa do capitão do navio, a morte de sua mãe e de seu pai e os momentos depressivos pós-morte, o romance com Virgínia, a rejeição na política e enfim o fracasso na invenção do emplasto. Por que Brás Cubas nunca conseguiu ser *ninguém status* na vida? A dor e o sofrimento que ele vive, como um difícil drama da existência humana, é expresso claramente no capítulo final da obra:

Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve minguagem nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno

saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. (ASSIS, 1997, p. 135).

Para muitas pessoas a única coisa que garante um sentido de vida é a descendência, pois por meio dela, perdura a continuidade se sua existência pessoal, mas, para Brás Cubas esta foi a principal ou única vantagem que ele levou dessa vida para o outro lado do mistério.

CONCLUSÃO

Conclui-se que Machado de Assis conhecia as obras de Leibniz e de Voltaire, pois, em toda a obra percebe um fio condutor ligando-a as outras. A pesquisa mostra que este fio é a questão da filosofia existencial perpassada em todas elas. No Discurso de Metafísica o autor apresenta um mudo criado por Deus. O mundo é o lugar em que as pessoas vivem com os seus dramas e realizações, as dores e as alegrias. Este é o melhor dos mundos, pois é obra de Deus que é perfeito e por isso mesmo fez tudo com a melhor perfeição. Neste sentido, a questão é como o ser humano vive nele, com tudo que se coloca diante de si advindo de uma ordem natural.

Voltaire mostra exatamente o contrário, pois, se este mundo é o melhor, o que seria dos outros? Para embasar sua tese ele faz Cândido, o aluno discípulo de Pangloss/Leibniz, viver direta ou indiretamente as piores desgraças na vida. É separado de seu grande amor, a jovem Cunegundes, é expulso de sua casa, o castelo de Vestfália, é obrigado a servir o exército dos Búlgaros, mendiga na Holanda, foge para a América, passa pelo Paraguai, Bolívia, Peru, Guianas, volta à Europa, onde reencontra velhos conhecidos e finalmente o filho do capitão, seu mais admirado mestre o Doutor Pangloss e sua amada Cunegundes. Todos não tiveram sorte diferente. Cada personagem teve sua existência marcada, sobretudo, pela dor, pelo sofrimento como um grande drama humano.

Daí a interrogação de Voltaire: se este mundo é obra de Deus, é o melhor dos mundos, pois Deus sendo perfeito não poderia ter criado nada imperfeito. O que seria

então dos outros mundos? A obra é encerrada com um convite à reflexão “devemos cultivar nosso jardim”.

A abordagem que fizemos mostra que Machado de Assis havia lido as obras de Leibniz e Voltaire, por isso mesmo, ele coloca o personagem Quincas Borba criando o Humanitismo, isto é, um sistema filosófico que seria capaz de suplantando todos os outros já existentes. Quincas e Cândido têm um mesmo perfil, ambos têm as mesmas condições sociais, boa formação escolar, mas, isso não impede que eles experimentem com suas vidas as piores situações, uma vez que suas existências são marcadas com um grande drama existencial.

Em uma obra está Voltarei analisando a vida de Cândido, na outra está Brás Cubas analisando a de Quincas, mas, os dois personagens (Cândido e Quincas) são extremamente otimistas diante da existência humana: “o Doutor Pangloss não era tão tolo como pintou Voltaire”. E a grande surpresa de Memórias Póstumas de Brás Cubas é e como a obra é encerrada: Não transmiti a ninguém o legado de nossa miséria humana. Essa certeza pessimista da existência é o único saldo positivo que o narrador defunto levou para o outro lado do mistério.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Klick, 1997.

LEIBENIZ, Gottfried Wilhelm. **Discurso de metafísica**. Trad. Marilena de S. Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MARTINS, Joaquim B. **Da Literatura à Filosofia: 80 textos com comentários**. São Paulo: Fesan, 1984.

NUNES, Benedito. **Passagem para o poético: Filosofia e Poesia em Heidegger**. São Paulo: Ática, 1992.

VOLTAIRE. **Cândido ou otimismo**. Trad. Annie Cambé. Roma, Itália: Newton Compton Editoris, 1994.

RIOS, Terezinha A. **Compreender e Ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

REALE, Giovanni e ANTESERI, Dario. **História da filosofia: do Humanismo a Kant**. Vol. II. São Paulo: Paulus, 1990.

Recebido em: 28/02/2022

Aprovado em: 25/03/2022

Publicado em: 30/03/2022